



3 e 4 de dezembro

III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,
Gênero e Sexualidade

MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NAS LETRAS DE FUNK: UMA EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA ITINERANTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vitória Monteiro de Moraes
Esther Lobo de Farias
Tarciany Rayssa Barbosa de Lima
Alyce Liberato Verissimo da Silva

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência surgiu a partir de uma proposta de sala de aula itinerante desenvolvida na disciplina Tópicos em Estudos Culturais da Educação: Gênero e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). A iniciativa teve como objetivo analisar as representações de masculinidades e feminilidades presentes nas letras de funk mais escutadas por estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental de duas escolas públicas de João Pessoa. A atividade foi realizada em setembro, em duas instituições localizadas em territórios de vulnerabilidade socioeconômica, orientada pela seguinte questão: quais masculinidades e feminilidades emergem nas músicas de funk consumidas por esses estudantes? Participaram da experiência alunos e alunas do 6º e 9º anos, regularmente matriculados nas referidas escolas.

A música, em suas diversas formas e manifestações, educa e faz escola dentro e fora das instituições de ensino, sendo um artefato cultural carregado de significados, valores e pedagogias que influenciam a constituição dos sujeitos e produções das identidades, estando imersa em relações discursivas que produzem modos de perceber o mundo e estar nele (Maknamara, 2020).

Ao trabalhar letras de músicas que circulam no cotidiano de adolescentes e jovens, o ambiente escolar pode possibilitar reflexões críticas sobre os padrões de gênero, promovendo o questionamento de normas hegemônicas e valorização de vivências que escapam da concepção tradicional (Louro, 1997). Dessa maneira, o uso pedagógico da música pode contribuir para a desconstrução de

estereótipos e para a produção de uma educação inclusiva, dialógica e sensível à diversidade. Nessa perspectiva de trabalho pedagógico com gêneros em circulação, dentro do universo de diversidade de gênero musical, o funk vem conquistando adolescentes e jovens. O funk é originário da zona sul carioca, emergindo entre o final das décadas de 1960 e 1970, e dentro desse gênero musical existem diferentes vertentes como o funk ostentação, funk pop, funk proibidão, entre outros (Moutinho, 2021; Costa, 2016).

Diante desse contexto, compreender as representações de masculinidades e feminilidades nas letras de funk requer situá-las no campo discursivo. Tal movimento implica reconhecer que o gênero não caracteriza-se como uma categoria fixa ou natural, mas sim uma construção histórica e cultural, atravessado e produzindo relações de poder (Louro, 1997). Nesta perspectiva, a análise dos dados fundamenta-se nas contribuições teóricas de Louro e Butler.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa situa-se no campo da Educação e diálogo com as discussões de gênero, adotando como abordagem a metodologia qualitativa. A proposta de aula itinerante foi desenvolvida em outubro de 2025 com 90 estudantes, sendo 40 meninas e 50 meninos com idades entre 11 e 14 anos, regularmente matriculado no 6º e 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental de duas instituições de ensino da rede pública de João Pessoa-PB, localizadas em bairros de vulnerabilidade socioeconômica. Com o objetivo de preservar a identidade dos estudantes, não serão divulgados o nome da escola nem quaisquer informações que permitam identificá-los.

O procedimento de levantamento de dados processou-se pela aplicação de um questionário semiaberto, contendo oito questões, sendo cinco de múltipla escolha e três abertas/dissertativas. O questionário foi estruturado respeitando as seguintes dimensões: familiaridade e gosto pelo gênero musical funk; músicas e artistas mais escutados; motivos de preferência musical; percepções sobre os conteúdos das letras e compreensão sobre as representações de homens e mulheres nas letras.

A análise dos dados obtidos por meio do questionário evidenciou a prevalência do gênero musical funk nas preferências dos participantes. Notavelmente, a frequência de menções aos artistas específicos indicou: Oruam em 14 menções, Neiff em 12 menções e MC Fantaxmas com 9 menções. Além disso, as músicas mais mencionadas desses artistas foram: “Oh Garota quero você só para mim”, “Faz o M” e “Engravidou”.

Desse modo, a pesquisa irá analisar e problematizar trechos das músicas dos artistas mais mencionados pelos participantes a partir dos aportes teóricos de Butler (2018), que compreende o

gênero como uma prática performativa e Louro (1997) que evidencia como as instituições, em particular a escola atuam como espaços de produção e manutenção dessas normas de gênero em diálogo com autores/autoras que trabalham e defendem a temática. É importante ressaltar que o funk não pode ser reduzido às suas versões comerciais mais difundidas. Portanto, esta análise não trata do funk como um todo, mas de letras específicas escutadas pelos estudantes, produzidas dentro de lógicas de mercado e visibilidade que influenciam certas performances de gênero.

ANÁLISE DOS DADOS

A primeira música analisada, “Oh Garota Quero Você Só Para Mim”, do cantor Oruam, apresenta uma narrativa que enfatiza discursos de virilidade e consumo sexual, como se observa no trecho “Nós te colocando e te botando até de manhã”, no qual a performance sexual masculina é reafirmada tendo o corpo feminino como validação. Esse tipo de performatização masculina, descrito por Silva, Félix e Araújo (2021), alinha-se a modelos hegemônicos que associam masculinidade ao vigor e à potência sexual. A letra também recorre à ostentação como marcador de status: “Não vou perdoar ver você sensualizando. E eu vou te pagar alto, o Tigrin' não tá lucrando”, articulando desejo, mercantilização e disputa simbólica.

O texto ainda menciona padrões corporais normativos, como em “bundão de academia”, reforçando expectativas estéticas dirigidas às mulheres. Por fim, o verso “A safadinha quer sentar (...) Só pra tropa do Oruam” evidencia a construção de uma feminilidade marcada pela disponibilidade sexual. Como aponta Louro (1997), não são as características biológicas que definem masculinidades ou feminilidades, mas as interpretações e valores culturalmente atribuídos a elas. Nessa perspectiva, o termo “safadinha” funciona como dispositivo discursivo que delimita uma feminilidade específica, ajustada ao desejo masculino representado na letra e não uma característica intrínseca das mulheres ou do gênero musical.

A segunda música mais mencionada pelos participantes foi “Engravidou”, do cantor Neiff. A narrativa se constrói a partir de uma ligação telefônica em que a mulher informa que o preservativo estourou e que está grávida, informação recebida pelo homem com escárnio, como no verso “Estourou? Que bom, respira, conta até três. Só se passaram três segundos, agora faltam nove mês”. A letra, nessa composição específica, reforça violências relacionadas ao abandono e produz uma masculinidade que ridiculariza a gravidez e nega a corresponsabilidade paterna, sem que isso represente o funk como um todo.

De acordo com Butler (2018), a letra atualiza normas que naturalizam o binarismo e sustentam racionalidades heteronormativas que regulam corpos, afetos e expectativas de gênero. A autora argumenta que as categorias de “homem” e “mulher” operam como ferramentas políticas que mantêm a ordem social da heterossexualidade e da dominação masculina. Assim, a masculinidade irresponsável e afetivamente distante representada na música se alinha a padrões culturalmente ensinados e amplamente valorizados, como se observa também no verso “Oi, mulher, pra que tá me ligando? Pra falar daquele dia que eu me acabei sentando. Mas tu sentasse porque quis, sabe que eu sou sem amor”. A ausência de afeto aparece, portanto, como parte de uma performatividade entendida socialmente como masculina, conforme prescrições normativas que associam frieza e desapego à virilidade.

A letra “Faz o M”, da banda Fantaxma, apresenta uma representação de masculinidade centrada no vigor e na potência sexual, enquanto a feminilidade aparece subordinada a esses desejos, reafirmando papéis tradicionais de gênero difundidos em diferentes instâncias culturais (Silva; Félix; Araújo, 2021). Essa construção hegemônica pode ser identificada em versos como “Várias botada concentrada dentro do teu bucetão. Bota o leite, que lá vem rajada”, nos quais metáforas associadas a armas produzem um discurso que vincula o prazer masculino à agressividade e à anulação da delicadeza, em oposição aos ideais de compromisso e suavidade atribuídos às feminilidades (Silva; Félix; Araújo, 2021). Ressalta-se que essa análise diz respeito a esta letra específica e não ao funk como manifestação cultural ampla e diversa.

Além disso, músicas como “Faz o M” e “Engravidou” utilizam termos como “bocetão” e “xereca”, que reduzem a mulher à fragmentação de partes corporais erotizadas. Como aponta Butler (2018), concepções que posicionam o prazer apenas no pênis, na vagina ou nos seios derivam de um corpo já naturalizado com atributos de gênero que reforçam o binarismo e as normas heterossexuais. Nessa perspectiva, compreender essas escolhas lexicais como dispositivos discursivos permite identificar como tais letras reiteram ideais normativos de gênero e sexualidade que valorizam determinadas performances femininas, ao mesmo tempo em que desqualificam corpos que não se ajustam a esse padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência da sala itinerante possibilitou compreender como determinadas letras de funk escutadas pelos estudantes mobilizam discursos de masculinidade hegemônica que, nessas produções específicas, reduzem o corpo feminino a objeto de prazer e reforçam performances pautadas na

virilidade, ostentação e ausência de afeto. Tais efeitos discursivos dialogam com as reflexões de Louro (1997), para quem o gênero é uma representação cultural que organiza e valoriza determinados modos de ser, e com Butler (2018), ao problematizar a naturalização do binarismo e das normas heterossexuais que regulam corpos e comportamentos. A atividade mostrou que os artefatos culturais do cotidiano juvenil têm forte potencial pedagógico, favorecendo diálogos críticos e a ressignificação das normas de gênero. Ao articular teoria e prática, revelou-se um caminho eficaz para refletir sobre desigualdades, representações e modos de existir que atravessam a escola e a vida dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COSTA, Natália Cristine. As funkeiras, o funk e um discurso que só elas podem fazer. **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH – Santa Catarina**, v. 7, 2016. Disponível em: <https://www.encontro2016.sc.anpuh.org/resources/anais/43/1464648385_ARQUIVO_NataliaCristineCostaAsfunkeirasofunkeumdiscursosodelas.pdf>. Acesso em: 24 out. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAKNAMARA, Marlécio. Quando artefatos culturais fazem-se currículo e produzem sujeitos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 28, n. 2, p. 58-73, 2020. DOI: 10.17058/rea.v28i2.15157. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/7225/722579567011.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2025.

MOUTINHO, Renan Ribeiro. Do baile ao funk carioca: tensões e reflexões no estado da arte dos estudos sobre o funk carioca entre as décadas de 1980 a 2000. **El oído pensante**, v. 9, n. 2, p. 159-185, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/5529/552972277010.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2025.

SILVA, Alcidesio Oliveira Junior da; FÉLIX, Jeane; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. O bagulho ficou sério! **Revista Teias**, v. 22, n. 65, p. 447-465, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.60248. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v22n65/1518-5370-tei-22-65-0447.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2025.